

ARTIGO

**A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E A FALSA IDEIA DE AUTONOMIA NO DOCUMENTÁRIO
“ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR”**

Maria Clara Santos Rosendo¹

Vanessa Vieira Pessanha²

RESUMO

Embora a política neoliberal, concebida como uma reestruturação do capitalismo, se apresente como uma proposta sedutora aos trabalhadores, especialmente ao prometer autonomia e liberdade, seus efeitos reais, não raro, traduzem-se na precarização das relações laborais. Diante disso, a presente pesquisa visa responder o seguinte problema: de que forma a precarização das condições de trabalho, retratada no documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, evidencia a contradição entre a narrativa neoliberal que propaga a liberdade como valor fundamental para os trabalhadores e a realidade concreta de subordinação, precarização e vulnerabilidade que esses mesmos trabalhadores enfrentam? O artigo tem como objetivo geral analisar a precarização das condições de trabalho nas fações de Toritama. Os objetivos específicos, por sua vez, são examinar o fenômeno da informalidade como consequência direta de um contexto socioeconômico de vulnerabilidade e exclusão; investigar a contradição entre a narrativa neoliberal de autonomia e liberdade do trabalhador e a realidade de subordinação, precarização e vulnerabilidade no contexto em foco; compreender de que modo a subjetividade neoliberal contribui para a naturalização da precarização do trabalho. A metodologia utilizada é qualitativa e exploratória, fundamentando-se na análise de conteúdo do referido documentário. Conforme as pesquisas realizadas, verifica-se que a precarização das condições de trabalho nas fações de Toritama revela-se como imposição de um sistema que mascara a ausência de garantias e direitos sob o discurso da liberdade individual, fazendo com que muitos desses trabalhadores ainda se percebam como autônomos e donos do próprio tempo.

Palavras-chave: Trabalho informal; Neoliberalismo; Precarização; Documentário.

¹ Pós-graduanda em Direitos Humanos e Sociais e Bacharela em Direito pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus XIX (Camaçari). Contato: adv.mariaclararosendo@gmail.com

² Professora orientadora deste trabalho. E-mail: vpessanha@uneb.br

ABSTRACT

Although neoliberal policy, conceived as a restructuring of capitalism, presents itself as a seductive proposal to workers—especially by promising autonomy and freedom—its actual effects often result in the precarization of labor relations. In light of this, the present research aims to address the following question: how does the precarization of working conditions, portrayed in the documentary “Waiting for the Carnival”, highlight the contradiction between the neoliberal narrative that promotes freedom as a fundamental value for workers and the concrete reality of subordination, precarity, and vulnerability faced by these same workers? The general objective of this article is to analyze the precarization of working conditions in the clothing workshops of Toritama. The specific objectives are to examine the phenomenon of informality as a direct consequence of a socioeconomic context marked by vulnerability and exclusion; to investigate the contradiction between the neoliberal narrative of worker autonomy and freedom and the reality of subordination, precarity, and vulnerability in the context under analysis; and to understand how neoliberal subjectivity contributes to the normalization of labor precarization. The methodology employed is qualitative and exploratory, based on content analysis of the aforementioned documentary. According to the research conducted, it is evident that the precarization of working conditions in Toritama’s workshops is imposed by a system that disguises the absence of guarantees and rights under the discourse of individual freedom, leading many of these workers to still perceive themselves as autonomous and in control of their own time.

Keywords: Informal work; Neoliberalism; Precarization; Documentary.

1. INTRODUÇÃO

Com direção e roteirização de Marcelo Gomes, o documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” é um retrato da cidade de Toritama, situada em Pernambuco, de seus habitantes e das diversas relações de trabalho que ali se estabelecem em função da produção de peças jeans em pequenas “facções”. A narrativa do documentário inicia a partir da perspectiva do diretor, relatando que conhecia a cidade desde a infância, quando esta vivia um contexto ruralizado. Ao retornar, já adulto, mais de 30 (trinta) anos depois, depara-se com uma cidade cujo trabalho produtivo se concentra na confecção de jeans, sendo a maior produtora nacional desse tipo de vestuário.

Com isso, destaca-se que a economia local se constrói em torno dessa cadeia produtiva sem modificar os modos de vida locais. As relações de trabalho tornam-se, em sua maioria, informais, tendo como principal

característica a remuneração por fragmento de peça produzido. Nesse contexto, pequenos núcleos produtivos, construídos de forma irregular e precarizada, chamados de “facções”, em geral localizados nos próprios domicílios, são formados por trabalhadores e trabalhadoras que se associam, exercendo atividades fragmentadas na composição das peças, entre outras atividades.

Como se sabe - e conforme é demonstrado no referido documentário -, o trabalho informal, ainda que se apresente como manifestação autônoma ou desassociada das estruturas tradicionais de produção, não constitui uma esfera de produção independente no seio do sistema capitalista atual. Pelo contrário, o trabalho informal, não raro, é apropriado por empresas pertencentes ao núcleo hegemônico do capital, que se utilizam da informalidade para implementar formas dissimuladas de assalariamento, mantendo-o como pilar estruturante da sociedade capitalista.

Nesse ínterim, não se pode olvidar que, com o avanço do capitalismo, bem como da proliferação do discurso neoliberal, o fenômeno do trabalho informal assume contornos que dialogam diretamente com a precarização das relações laborais, visto que a valorização do discurso da eficiência econômica, do estado mínimo e da flexibilização dos direitos sociais tem contribuído para a legitimação de formas atípicas de trabalho, muitas vezes desprovidas das garantias mínimas previstas no ordenamento jurídico.

À vista disso, a pesquisa visa responder o seguinte problema: de que forma a precarização das condições de trabalho nas facções de Toritama, conforme retratada no documentário *Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar*, evidencia a contradição entre a narrativa neoliberal que propaga a liberdade como valor fundamental para os trabalhadores e a realidade concreta de subordinação, precarização e vulnerabilidade que esses mesmos trabalhadores enfrentam?

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo geral analisar a precarização das condições de trabalho nas facções de Toritama, retratada no documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”. Os objetivos específicos, por sua vez, são examinar o fenômeno da informalidade como consequência direta de um contexto socioeconômico de vulnerabilidade e exclusão; investigar a contradição entre a narrativa neoliberal de autonomia e liberdade do trabalhador e a realidade de subordinação, precarização e vulnerabilidade nas facções de Toritama; compreender de que modo a subjetividade neoliberal contribui para a naturalização da precarização do trabalho.

A justificativa da escolha do tema encontra-se na relevância social e econômica do trabalho informal no Brasil, especialmente nas cidades de pequeno e médio porte, como Toritama, que é conhecida pela produção de roupas no sistema de facções. O documentário, ao retratar a realidade dos trabalhadores dessa região, proporciona uma análise crítica de como a progressiva adesão social à razão neoliberal e a

reestruturação produtiva conduzem a processos que fortalecem a precarização do trabalho, ensejando, contraditoriamente, ideias de liberdade, independência e autonomia.

Essa investigação é importante, pois permite entender as contradições presentes no discurso neoliberal, que prega a liberdade individual como condição essencial do trabalho, mas escolhe ignorar as condições reais de vulnerabilidade e precarização vividas pelos trabalhadores informais. Além disso, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), apurada pelo Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE), o país registrou uma taxa de informalidade de 39,1% no mercado de trabalho no trimestre até agosto de 2023, isto é, havia 38,933 milhões de trabalhadores atuando na informalidade no período. Esse cenário evidencia não apenas a amplitude do fenômeno da informalidade, mas também a urgência de se repensar as políticas públicas de regulação do trabalho, à luz dos princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana e da valorização do trabalho.

A metodologia utilizada é qualitativa e exploratória, fundamentando-se na análise de conteúdo do documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, que serve como fonte primária para a contextualização crítica do fenômeno estudado. A partir das cenas, narrativas e dados apresentados na obra, procede-se a fontes bibliográficas, utilizadas de forma complementar, com o objetivo de aprofundar a discussão teórica e conferir embasamento às reflexões propostas. Quanto ao método, adotou-se o hipotético-dedutivo.

A hipótese levantada na presente pesquisa é a de que a difusão da subjetividade neoliberal atua como mecanismo ideológico que naturaliza a precarização das relações de trabalho ao promover a ilusão de autonomia e liberdade do indivíduo, levando os próprios trabalhadores a aceitarem e reproduzirem condições laborais desprovidas de garantias sociais como se fossem fruto de escolhas pessoais, e não de um contexto estrutural de exploração.

Nesse ínterim, o artigo será subdividido em três capítulos de conteúdo. O primeiro abordará o trabalho informal como uma estratégia estrutural de precarização das relações laborais e de supressão de direitos sociais. O segundo capítulo tratará da forma como o neoliberalismo contribui para a informalidade e para a perpetuação da falsa ideia de que, por meio dela, o indivíduo será dono do próprio tempo, livre e autônomo, analisando também como essa percepção se manifesta em passagens do documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”. Por fim, o terceiro capítulo examinará de que maneira a disseminação da subjetividade neoliberal contribui para a precarização do trabalho e para a consequente supressão de direitos sociais.

A seguir, a pesquisa será iniciada com a abordagem acerca do trabalho informal, elemento central na dinâmica de precarização das relações laborais no contexto contemporâneo.

2. ABRE-ALAS DA PRECARIZAÇÃO: O TRABALHO INFORMAL COMO ESTRATÉGIA ESTRUTURAL

Conforme a Recomendação nº 204 da Organização Internacional do Trabalho (OIT)³, a informalidade diz respeito a todas as atividades econômicas dos trabalhadores que não estejam cobertas ou estejam insuficientemente cobertas por disposições formais. Assim, considera-se informal aquele empregado que exerce labor de forma subordinada, onerosa, pessoal e não-eventual em relação a quem lhe toma serviço, sem que tenha o vínculo empregatício reconhecido, seja pela simples negativa de assinatura da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), seja pelo desvirtuamento de outra forma de contratação de trabalho.

Para Costa⁴, o trabalho informal pode ser conceituado como aquele não regulamentado pelo ordenamento legal do trabalho no país, sobre o qual, inclusive, a sociedade construiu sua política de seguridade social. Acrescenta, ainda, no que tange à referida política, que:

[...] nesse último aspecto, o fenômeno da não-integração foi ainda mais pernicioso: além de fraca, a intervenção do Estado na criação de políticas e mecanismos de proteção social atingia apenas os trabalhadores formalmente reconhecidos pela relação salarial, um tipo de incorporação social a que Santos (1979) chamou de cidadania regulada, aquela adquirida unicamente pelos indivíduos enquadrados na estrutura ocupacional definida e reconhecida pelo Ministério do Trabalho.

Em linhas gerais, o trabalho informal é toda atividade laboral exercida sem o cumprimento das obrigações legais e sem o reconhecimento formal da relação de emprego. Sobre isso, destaca-se o entendimento de Krein, Cardoso, Biavaschi e Teixeira⁵:

[...] existe uma outra forma de conotação do trabalho informal, que é considerar como trabalhadores pertencentes a este grupo os assalariados sem contrato formal, os trabalhadores por conta própria que não contribuem para a segurança social, os

³ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Recomendação n.º 204: Recomendação sobre a transição da economia informal para a economia formal. Genebra: OIT, 2015.

⁴ COSTA, Márcia da Silva. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 58. 2010, p. 175.

⁵ KREIN, J. D.; CARDOSO, J. C.; BIAVASCHI, M. B.; TEIXEIRA, M. L. Regulação do trabalho e instituições públicas. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 175, 2013.

trabalhadores não remunerados e os envolvidos em construção para o próprio uso e produção para autoconsumo.

Assim, esse tipo de trabalho pode ocorrer tanto por conta própria, como no caso de autônomos informais, quanto sob subordinação, quando o empregador deixa de formalizar a contratação. Em ambos os casos, o trabalhador fica mais vulnerável à precarização e à exploração.

De acordo com Nogueira e Carvalho⁶:

A categoria de trabalho informal não é muito mais antiga que a de trabalho precário, mas possui uma origem muito mais precisa. **O termo foi usado pela primeira vez em relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre a ocupação no Quênia em 1972 para caracterizar a grande quantidade de pessoas em relações de trabalho não regulamentadas** (ILO, 1972). Desde então, a utilização do termo se disseminou, sendo a informalidade do trabalho considerada como uma característica do mercado de trabalho na maior parte dos países em desenvolvimento.

Desse modo, entende-se que a elevada incidência do trabalho informal em países em desenvolvimento decorre, sobretudo, de deficiências estruturais que comprometem a efetividade das normas trabalhistas, como, por exemplo, o alto índice de desemprego, a falta de acesso à educação de qualidade e a fragilidade estatal. Assim, diferentemente dos países centrais, os países em desenvolvimento enfrentam obstáculos que perpetuam a precarização das relações laborais, o que contribui para a exclusão de grande parcela da população do mercado formal de trabalho.

Nesse contexto, Malaguti⁷ defende que:

Neste cenário de desprezo pelos direitos de cidadania, [...] de degradação [...] da qualidade de vida, de marginalização de largos segmentos da população, de desmantelamento das organizações dos trabalhadores e de crescentes níveis de desemprego, [...] [se desenvolve] o fenômeno da informalidade.

Compreende-se, portanto, que o fenômeno da informalidade não surge de maneira isolada, mas, a bem da verdade, como consequência direta de um contexto socioeconômico de vulnerabilidade e exclusão, isto

⁶ NOGUEIRA, Mauro Oddo; CARVALHO, Sandro Sacchet de. Trabalho precário e informalidade: desprezando suas relações conceituais e esquemas analíticos. Texto para Discussão, n. 2707. Brasília (RJ): Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), p. 14, 2017, grifos nossos.

⁷ MALAGUTI, Manoel Luiz. Crítica à Razão Informal – A Imaterialidade do Salarizado. São Paulo: Boitempo Editora, p. 62-63, 2001.

é, a informalidade, não raro, atua como uma resposta à ausência de garantias básicas e, sobretudo, como forma de sobrevivência diante da negação de direitos fundamentais.

Segundo Matsuo⁸:

No Brasil, assim como nos países em desenvolvimento de forma geral, boa parte da população ocupada está inserida no trabalho informal. Neste cenário, encontramos relações autoritárias, prevalecendo a falta de segurança, a assistência médica de péssima qualidade, a pobreza, a fome e a exploração. Esta última, corriqueiramente expressa por longas jornadas de trabalho, remunerações muito baixas e a não garantia de acesso a direitos sociais e laborais básicos.

Dessa maneira, entende-se que o trabalho informal é uma realidade predominante e estrutural, marcada por relações laborais desiguais e autoritárias e que, comumente, essa modalidade de trabalho não representa uma alternativa voluntária ou autônoma, mas uma expressão da precariedade e da exploração sistemática de parcelas vulneráveis da população.

Nesse sentido, Souza e Trovão⁹ defendem que:

[...] a ausência ou a fragilidade da regulamentação laboral traz consequências negativas para os trabalhadores, pois os colocam em uma condição de vulnerabilidade e desproteção social em relação ao emprego, uma vez que implica em carência de proteção legal e social e em um maior grau de instabilidade sobre a situação econômica e social do trabalhador. Considerando a economia como um todo, produz prejuízos à arrecadação por parte do Estado (evasão fiscal), implica menor produtividade e maior insegurança por parte dos trabalhadores quanto à sua capacidade de consumo. Do mesmo modo, pode implicar na intensificação da precarização e pejotização do mercado de trabalho.

À vista disso, verifica-se que a informalidade, agravada pela ausência de regulamentação trabalhista, expõe os trabalhadores à vulnerabilidade e à precarização, comprometendo direitos individuais e impactando negativamente a capacidade de atuação do Estado.

⁸ Matsuo, M. Trabalho informal e desemprego: Desigualdades sociais (Tese de doutoramento). Recuperado de http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/.../MYRIAN_MATSUO.pdf, p. 26, 2009

⁹ SOUZA, Danyelle Mestre de; TROVÃO, Cassiano José Bezerra Marques. A dinâmica da informalidade no Brasil e na Argentina (2012–2019) e a vulnerabilidade da classe trabalhadora. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 20, p. 4, 2022. DOI: 10.1590/1981-7746-ojs00181.

Outrossim, segundo Ricardo Antunes¹⁰, a classe trabalhadora vive um processo de desproletarização do trabalho industrial, que diminui o número de operários em fábricas tradicionais e, ao mesmo tempo, a subproletarização, “decorrência das formas diversas de trabalho parcial, precário, terceirizado, subcontratado, vinculado à economia informal, ao setor de serviços, etc.”. Com isso, o contexto de reestruturação dos modelos de produção mundial e emergência da doutrina neoliberal são fatores que permitem compreender a presença desse modo de produção “subproletário” no município de Toritama.

De acordo com as informações apresentadas no documentário, Toritama registra uma produção anual de jeans que ultrapassa 20 (vinte) milhões de peças. Essa expressiva produção é realizada, em grande parte, por trabalhadores informais submetidos a jornadas diárias que variam entre doze e quatorze horas. Além disso, as atividades laborais ocorrem nas denominadas facções – pequenos espaços produtivos instalados em garagens, quintais ou salas de casa –, onde os trabalhadores se revezam nas etapas de corte, costura, modelagem, acabamento e, posteriormente, na comercialização das peças em feiras locais.

Para Marx¹¹, o motivo que impulsiona e o objetivo que determina o processo de produção capitalista é a maior autovalorização possível do capital, isto é, a maior produção de mais-valia, portanto, a maior exploração possível da força de trabalho pelo capitalista. Essa lógica manifesta-se de forma evidente na realidade de Toritama, a qual, apesar de, conforme o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) de Pernambuco¹², responder por aproximadamente 15% (quinze por cento) da produção nacional de jeans e abastecer o mercado brasileiro e o de outros países da América Latina, é marcada pela informalidade, jornadas extenuantes e condições de trabalho precárias.

Nesse sentido, Marcelo Gomes, diretor de “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, em entrevista à Revista Trip¹³, afirma que:

Toritama, e o agreste como um todo, é uma região semiárida e, com as mudanças climáticas, cada vez mais árida. A produção agrícola, que era muito comum nos anos 1970, 1980, foi ficando cada dia mais rara e o trabalho, mais difícil, além de muita migração. Era uma cidade que produzia muitas sandálias de couro. Então, algumas pessoas tinham máquina de costura com agulha grossa. Com o fim dessa tradição, as pessoas não tinham

¹⁰ ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, p. 209, 1999.

¹¹ MARX, Karl. O capital. São Paulo: Abril Cultural, p. 263, 1983.

¹² SEBRAE Pernambuco. Relatório Toritama: diagnóstico e ações para o desenvolvimento local. Recife: Sebrae/PE, 2024. 58 p.

¹³ ANIC, Luara Calvi. Meu nome é trabalho: Em novo documentário, Marcelo Gomes apresenta Toritama, um município pernambucano em que as pessoas só param de trabalhar no Carnaval. Revista Trip, São Paulo, 11 jul. 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-diretor-marcelo-gomes-fala-sobre-o-documentario-estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar>. Acesso em: 17 jul. 2025, grifos nossos.

mais como usar aquelas máquinas. Aí, alguém teve a ideia de trazer do sudeste os retalhos de jeans e começaram a fazer boné, bolsa de jeans.

[...]

O jeans é uma calça que precisa, sei lá, de 30 pessoas para produzir: um faz o cós, o outro faz o zíper. É um produto muito complexo que tem que passar por várias mãos. **Então, a melhor coisa é produzir jeans num lugar onde há mão de obra barata. E há Toritama e o agreste, uma das regiões mais pobres do Brasil, com muita gente sem trabalho. Não é à toa que se produz muita roupa em Bangladesh, Paquistão, China e agora nas regiões mais pobres do Brasil.**

Paradoxalmente, muitos desses trabalhadores ainda se percebem como autônomos e donos do próprio tempo, revelando uma forma de alienação que mascara a lógica de exploração inerente ao modelo produtivo capitalista descrito por Marx. Em determinado momento do documentário¹⁴, uma das personagens afirma: “[...] aqui a gente somos(sic) as donas. A gente entra e sai a hora que a gente quer. Se a gente fosse trabalhar fichado, tinha hora da gente sair”. Essa declaração reforça a falsa ideia de autonomia e liberdade atribuída ao trabalho realizado nas facções de Toritama, sendo essa concepção contraditada pela própria fala subsequente¹⁵ da trabalhadora, ao relatar que sua jornada inicia às 7h (sete horas) da manhã e se estende até 22h (vinte e duas horas), reconhecendo, ainda, o caráter exaustivo da rotina, embora acredite que, apesar disso, ganhará mais dinheiro.

No mesmo trilhar, destaca-se o seguinte trecho do documentário¹⁶:

Se você fizer cem bocas de bolso a R\$ 0,10 (dez centavos), aí você ganhou R\$ 10,00 (dez reais). Se você fizer mil bocas de bolso, você ganhou R\$ 100,00 (cem reais). [...] Vai da produção que você tá. Independente de ser costura, eu acho que hoje o melhor é trabalhar pra você mesmo. A vida da gente não é ruim, não. Quem pensar que a vida da gente é ruim, tá enganado.

Essa fala também demonstra a percepção, recorrente entre trabalhadores informais, de que a autonomia sobre o próprio tempo e ritmo de produção representaria uma forma de liberdade. Contudo, tal entendimento

¹⁴ GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min. [17min20s].;

¹⁵ GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min. [18min08s].

¹⁶ GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min. [20min24s].



mascara as contradições da informalidade, dado que essa “liberdade” está diretamente condicionada à lógica da produtividade extrema e da remuneração por fragmento de peça.

Nesse ínterim, destaca-se a contribuição de Cris R. e Júlio C.¹⁷ sobre o documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”:

Sabe-se, no mínimo desde Marx, que o pagamento por produção é preferido pelo capital, porque permite a intensificação do trabalho e diminui a necessidade de supervisão. Um cortador de cana remunerado por produção, no século XXI, produz o dobro do que produzia um trabalhador escravizado, no século XVIII. É sintomático que, no documentário, as pessoas concedam as entrevistas sem parar de trabalhar.

[...]

Na enquete operária, elaborada em 1880, Marx retoma a questão e pergunta se os trabalhadores eram remunerados por tempo ou por tarefa. Foi a luta dos trabalhadores que reduziu as jornadas de trabalho e impôs formas de pagamento menos desfavoráveis. Mas, com a crise, o capital volta à carga tentando impor padrões de extração de mais-valia observados no século XIX. Estou me guardando... registra fotografias vivas que parecem saídas das primeiras revoluções industriais: rostos e corpos cansados, roupas e ambientes sujos. É um alerta. O sonho de consumo do capital é transformar o Brasil numa imensa Toritama.

À vista de tais fatos, entende-se que a estratégia estrutural do trabalho informal, aliada ao neoliberalismo, impôs uma lógica baseada na constante exploração da força de trabalho, mascarada pelo discurso do empreendedorismo clássico. Isso porque o trabalho autônomo sempre se fez a partir do fortalecimento da pirâmide de classe social, sendo utilizado como instrumento de manipulação da grande massa e fortalecendo os detentores dos grandes meios de produção. Assim, os modelos de trabalho reinventam-se, mas as relações de exploração permanecem, conforme abordado a seguir.

3. NO RITMO DO CAPITAL: O CORPO QUE SAMBA NO CAMPASSO DO LUCRO

De acordo com Dardot e Laval¹⁸, o neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência, ou seja, é, precisamente, o desenvolvimento da lógica do mercado como lógica normativa

¹⁷ R., Cris; C., Júlio. Resenha: Estou me guardando para quando o carnaval chegar: faz parte dessa solidão. São Paulo: Sindsef-SP, 07 dez. 2019.

¹⁸ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo. São Paulo: Boitempo, p. 17, 2016.

generalizada, desde o Estado até o mais íntimo da subjetividade. Desse modo, compreende-se que a lógica fundamental do neoliberalismo é a de se opor a qualquer ação que entrave o jogo da concorrência entre os interesses privados.

A respeito disso, Ricardo Antunes¹⁹ defende que:

[...] com a enorme expansão do neoliberalismo a partir de fins de 70 e a conseqüente crise do welfare state, deu-se um processo de regressão da própria socialdemocracia, que passou a atuar de maneira muito próxima da agenda neoliberal. **O Neoliberalismo passou a ditar o ideário e o programa a serem implementados pelos países capitalistas, inicialmente no centro e logo depois nos países subordinados, contemplando reestruturação produtiva, privatização acelerada, enxugamento do estado, políticas fiscais e monetárias, sintonizadas com os organismos mundiais de hegemonia do capital como Fundo Monetário Internacional.**

O neoliberalismo atua, portanto, como um projeto de reestruturação do capitalismo que busca reafirmar o poder das elites econômicas, ao promover o enxugamento do Estado e a expansão dos mercados livres. Assim, o estado neoliberal manifesta-se como Estado mínimo em políticas de assistência social, em intervenção de mercado e no aparato produtivo, sendo forte nas políticas repressivas, complementadas, ainda, pela política de dispersão da classe operária.

Nesse ínterim, Dardot e Laval²⁰ defendem que:

A agenda do neoliberalismo é guiada pela necessidade de uma adaptação permanente dos homens e das instituições a uma ordem econômica intrinsecamente variável, baseada numa concorrência generalizada e sem trégua. **A política neoliberal é requerida para favorecer esse funcionamento, combatendo os privilégios, os monopólios e os rentistas. Ela visa a criar e preservar as condições de funcionamento do sistema concorrencial.**

Contudo, embora o modelo neoliberal se transvista de uma proposta inovadora e sedutora para os trabalhadores, esconde os seus reais efeitos, que geralmente se traduzem na precarização das relações de trabalho, na diminuição das garantias sociais e no aumento da desigualdade de renda. Assim, em nome da competitividade e da eficiência, o trabalhador passa a ser tratado como mero recurso produtivo, submetido

¹⁹ ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, p. 209, 1999, grifos nossos.

²⁰ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo. São Paulo: Boitempo, p. 8, 2016, grifos nossos.



a condições mais instáveis e com menos proteção, o que revela a incongruência entre o discurso atraente e a realidade vivenciada sob esse paradigma.

Segundo Nildo Viana²¹,

O deslocamento de indústrias capitalistas para países e regiões pouco industrializadas e/ou com grande população tem o duplo papel de enfraquecer politicamente o proletariado (dispersão espacial, recrutamento de novo proletariado sem tradição de luta, pouca concentração dos trabalhadores em cidades e regiões) e aumentar a exploração devido ao uso de força de trabalho em locais com grande reserva da mesma.

É o que resta evidenciado, em diversos momentos, no documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”. Isso porque, apesar de a adesão ao discurso neoliberal – que defende a liberdade, a autonomia e a valorização do indivíduo – estar evidente nos relatos de diversos trabalhadores das facções de Toritama, a situação vivida por eles é controversa, uma vez que vivem sob uma patente realidade de precarização do trabalho, reféns de si mesmos, bem como do sistema, como meros recursos produtivos. Assim, a lógica neoliberal implica não apenas uma transformação nas políticas econômicas, mas também uma profunda reconfiguração das relações sociais, na qual o indivíduo, de acordo com esse discurso supostamente meritório, se torna responsável pela própria ascensão ou queda, independentemente das condições estruturais em que se encontra.

O personagem Léo, por exemplo, explica o trabalho em Toritama da seguinte forma: “você ganha o que faz. Quanto mais você arrocha o nó, você ganha dinheiro. O negócio é trabalhar mesmo. Não tá conversando, não tá se empancando, é trabalhar, porque isso aqui é produção”²². Ou seja, a pausa não é interessante para quem tem nesse ofício sua única fonte de renda, pois o descanso no trabalho por peça não é remunerado. Assim, a promessa de liberdade e autonomia esvai-se diante de uma necessidade constante de produção, na qual o trabalhador é incentivado a se dedicar incansavelmente ao trabalho, sem espaço para pausas ou reflexões.

Em contrapartida, outra frase dita por Léo²³ demonstra as consequências da atuação do neoliberalismo. Isso porque “quem nasceu pra ter, tem que se dane, e quem nasceu pra não ter, se dana e não tem nada” sintetiza, de forma mais popular, os efeitos perversos de um modelo socioeconômico baseado na lógica neoliberal, retratando um ciclo de reprodução das desigualdades. Quem se encontra em posição de poder

²¹ VIANA, Nildo. **Breve histórico do neoliberalismo**. Revista Enfrentamento, Goiânia, n. 5, p. 8, 2008.

²² GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min. [16min11s].

²³ GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min. [26min34s].



– nesse caso, as elites econômicas – exerce forte controle sobre as engrenagens do capitalismo, por meio de mecanismos sutis e estruturais que reforçam a dominação de classe. Noutro vértice, quem se encontra em condições desfavoráveis, sobretudo no contexto do trabalho, está condenado a, muitas vezes, lutar em vão, enfrentando barreiras estruturais que, não raro, dificultam ou até impedem a ascensão social. Trata-se, portanto, de uma crítica direta, realizada por Léo, ainda que despreziosa, à falsa promessa neoliberal de igualdade de oportunidades, que ainda complementa: “o capitalismo que sempre fala é o dinheiro”.

Em outro momento do documentário, uma trabalhadora, cujo nome não é revelado, relata que trabalha das 5h às 22h, de domingo a domingo, e acrescenta: “Cansa, né? Mas a gente vai ganhar mais, né?”²⁴. Essa contradição reflete o cerne do neoliberalismo: a promessa de uma sociedade mais livre e autônoma esbarra nas condições de trabalho que, em nome da eficiência e da competitividade, forçam os indivíduos a uma subordinação total ao sistema produtivo. O discurso de liberdade individual transforma-se, assim, em um mecanismo de controle social, que, em vez de proporcionar autonomia, intensifica a exploração e a desigualdade. Sobre esse tema, Serelle²⁵ assevera:

Assim, o neoliberalismo faz a apologia do risco e afirma que a precariedade é uma forma de oportunidade, pois cabe aos indivíduos de espírito comercial – o empreendedor – aproveitar as chances de lucro. Logo, qualquer fracasso é também de responsabilidade do indivíduo, o que tem resultado em várias formas de sofrimento psicossocial. O neoliberalismo não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos.

Com efeito, fato é que o estímulo à adesão dos trabalhadores ao discurso da autonomia é o que fortalece a manutenção desse sistema, pois tais processos apenas foram possíveis aliados a mudanças de cunho político e ideológico. De acordo com Antônio José Avelãs Nunes²⁶:

Os neoliberais dos nossos dias colocam a liberdade individual (a liberdade para escolher de que fala Milton Friedman) acima de quaisquer outros valores. E defendem que a liberdade econômica é condição sine qua non da liberdade política. A economia de mercado livre impõe-se, nesta óptica, não apenas pela superior eficiência econômica que lhe é atribuída, mas também por razões de ordem política: como se diz na proclamação da Société du Mont Pélérin (1947), que Friedman subscreveu e em cujos trabalhos participou, "sem o poder difuso e a iniciativa associada a estas instituições [a propriedade privada e o

²⁴ GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min. [18min07s].

²⁵ SERELLE, Márcio. Narrativa sobre um poder afável: trabalho e racionalidade neoliberal em Estou me guardando para quando o Carnaval chegar. Revista Rumores, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 270, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rumores/article/view/176227>.

²⁶ NUNES, A. J. Avelãs. O Keynesianismo e a contra-revolução monetarista. Boletim de Ciências Económicas, Coimbra: Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, v. XXXVIII, p. 81-82, 1995.

mercado de concorrência], é difícil imaginar uma sociedade em que a liberdade possa ser efectivamente salvaguardada".

Nesse sentido, o neoliberalismo não é apenas uma teoria econômica, mas um mecanismo que, além de reformar o capitalismo internamente, reconfigura as subjetividades, moldando as práticas e as expectativas sociais conforme os interesses do mercado.

Na ótica de Souza²⁷:

O neoliberalismo conseguiu não apenas implementar reformas jurídicas que flexibilizaram as relações de trabalho, mas também instituir uma imagem de que direitos trabalhistas são prejudiciais aos trabalhadores, pois diminuem sua liberdade de escolha. **Assim, precarização virou sinônimo de modernização e a rede de proteção social instituída na Constituição de 1988 foi pintada como algo velho e retrógrado, a ser superado pelo moderno mundo da tecnologia.**

Dessa maneira, constata-se que, muito embora o neoliberalismo seja, não raro, propagado sob uma ótica positiva, tal ideologia, na prática, contribui significativamente para a precarização das relações laborais, bem como para a desvalorização de direitos historicamente conquistados, como por exemplo a limitação da jornada de trabalho e o direito ao descanso remunerado, conforme se verifica no documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, em que a promessa de autonomia se traduz em jornadas exaustivas, informalidade e na falsa sensação de autogerenciamento.

De acordo com Souza²⁸:

O neoliberalismo foi capaz de capturar o desejo de trabalhadores e trabalhadoras. **A estabilidade entediante do mundo fordista, em que o indivíduo passava 30 anos no mesmo emprego, foi substituída pela suposta liberdade conferida ao indivíduo empreendedor, que poderá escolher os destinos do seu negócio, contando com emoção e imprevisibilidade. Carteira de trabalho, seguro desemprego, aposentadoria são elementos de um mundo antigo, que precisa ser modernizado.**

A captura do desejo é fundamental para a formação do que é chamado de subjetividade neoliberal, de modo que é válido compreendermos a relação dessa subjetividade com o empreendedorismo e a concorrência intrapessoal. Um dos mecanismos constitutivos desse


²⁷ SOUZA, Matheus Silveira de. Subjetividade neoliberal e precarização do trabalho. A Terra é Redonda, 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/subjetividade-neoliberal-e-precarizacao-do-trabalho/>. Acesso em: 28 jul. 2025, grifos nossos.

²⁸ SOUZA, Matheus Silveira de. Subjetividade neoliberal e precarização do trabalho. A Terra é Redonda, 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/subjetividade-neoliberal-e-precarizacao-do-trabalho/>. Acesso em: 28 jul. 2025, grifos nossos.

processo é a lógica da concorrência. Os indivíduos devem se assemelhar com empresas e estarem em permanente competição entre si, mesmo quando não estão no ambiente profissional. A concorrência se intensifica a ponto de não se limitar ao nível interindividual, mas se transformar em uma disputa consigo mesmo, em que o sujeito deve a todo momento superar a si próprio. “Seja a melhor versão de si mesmo”. (grifos nossos)

Nesse contexto, a ilusória percepção de liberdade dos trabalhadores das facções de Toritama torna-se ainda mais evidente com a chegada do carnaval, momento em que suspendem, temporariamente, as suas atividades laborais, vendem bens essenciais, como geladeira, televisão e celular, a fim de custear o momento de descanso e lazer. Tal conduta e, sobretudo, necessidade, revela um respiro aparente que, longe de representar uma conquista ou escolha genuína, escancara a face perversa de um sistema que transfere ao indivíduo a responsabilidade pelo próprio sofrimento, enquanto nega garantias básicas de proteção social, consoante desenvolvido a seguir.

4. A FANTASIA DA LIBERDADE QUE MASCARA O DESFILE DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM TORITAMA



Em momento de descanso forçado dos trabalhadores em razão de queda de energia em Toritama, o narrador questiona: “tem alguma época do ano que vocês tiram férias, alguma coisa, ou não?!”. Um deles, prontamente, responde: “só no carnaval e no final de ano”. Marcelo Gomes, narrador, então pergunta: “no carnaval, vocês ficam por aqui mesmo? O carnaval aqui é bom ou não?” e, como resposta, recebe: “é não, todo mundo viaja, aqui fica parecendo um cemitério [...], vende tudo e vai pra praia, né? Armário, geladeira, café... Quem tem, né?”²⁹

Essa é a realidade da maioria dos trabalhadores de Toritama que, muito embora se considerem autônomos, vivem uma lógica de trabalho extremamente precarizada. Com a chegada do carnaval – um dos únicos momentos em que conseguem se afastar das jornadas exaustivas que vivenciam diariamente nas facções –, muitos recorrem à venda dos próprios bens, como móveis e eletrodomésticos, por valores irrisórios, para aproveitar o período de descanso nas praias, situação que revela não somente a instabilidade econômica a que estão submetidos, mas também a falsa sensação de liberdade que permeia suas decisões.

²⁹ GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min. [62min46s].

Isabele, moradora do bairro Vila Canaã, localizado em Caruaru/PE, estava presente no “Bazar de Carnaval”, realizado todo ano em Toritama, tentando vender sua geladeira por R\$ 200,00 (duzentos reais). No documentário, ela relata: “não consegui vender, mas eu vou arrumar emprestado e quando eu voltar da praia, eu começo a pagar, nem que seja com agiota, mas eu arrumo emprestado, [...] a juros, mas eu vou pra praia!”.³⁰

Tais recortes, dentre outros trazidos no documentário, evidenciam que, para o discurso neoliberal ganhar força, não só o Estado, mas também o sujeito precisa ser remodelado. Para que se adeque à lógica do mercado, é preciso que se veja como um ser ativo, um empreendedor, e não apenas um sujeito. Para tanto, o neoliberalismo atua de forma a fragilizar as condições de trabalho e, conseqüentemente, os direitos trabalhistas arduamente conquistados, para que o empreendedorismo seja visto de maneira mais atraente que o vínculo empregatício. Com esse mecanismo, tem sido criada uma massa de trabalhadores precarizados, desprovidos de garantias.

Nesse mesmo sentido caminha o entendimento de Serelle³¹, ao explicar a atuação da política neoliberal nas relações de trabalho, bem como na percepção do indivíduo sobre si mesmo:

O regime neoliberal promove o estreitamento entre liberdade e exploração. O sujeito acredita-se livre por, à diferença do proletário, não se submeter ao empregador, mas como o sujeito é ele próprio uma empresa, totaliza-se o trabalho, sem coerções.

Assim, entende-se que o neoliberalismo estreita os conceitos de liberdade e exploração, ou seja, faz parecer que ser explorado, ou estar em uma situação de trabalho comumente precarizada, é uma forma de ser livre. Sobre isso, Han³² aponta que “o sujeito neoliberal, o sujeito do desempenho, considera-se livre quando, de fato, é um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo”.

Essa ideia manifesta-se no documentário por meio do orgulho e sentimento de gratidão pelo trabalho que os confeccionadores de jeans de Toritama demonstram, podendo ser interpretado como parte da própria lógica neoliberal, que valoriza a ideia de empreendedorismo individual e autossuficiência, mesmo em condições precárias.

³⁰ GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min. [67min12s].

³¹ SERELLE, Márcio. Narrativa sobre um poder afável: trabalho e racionalidade neoliberal em Estou me guardando para quando o Carnaval chegar. Revista Rumores, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 271, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rumores/article/view/176227>.

³² HAN, B.C. Psicopolítica. Belo Horizonte; Veneza: Âyiné, p. 10, 2018.

Contudo, a bem da verdade, as pessoas sentem orgulho não porque o trabalho seja digno em termos de direitos ou remuneração, mas porque enxergam nele uma forma de sobrevivência e autonomia possível, em um contexto no qual o Estado e o mercado formal as abandonaram.

Convém destacar que, embora o empreendedorismo exista e represente uma forma legítima de autonomia e desenvolvimento econômico, sob a perspectiva do neoliberalismo e, notadamente, no contexto de precarização, está ancorado na individualização e subjetivação dos controles socioprodutivos, se encaminhando no sentido de reconstruir uma cultura do trabalho adaptada ao desemprego, ao risco e à insegurança. Assim, trata-se de novo modo de exploração capitalista, conforme demonstrado no documentário ora analisado.

De acordo com Silva³³, o empreendedorismo é

[...] uma urgente tarefa de criação de uma nova ideologia econômica, capaz de continuar justificando a exploração da força de trabalho, ou seja, de garantir a permanência da adesão e do consentimento ativo dos trabalhadores aos novos modos de organização do trabalho, cujas principais características são a sua extrema (pelo menos quando comparada à situação anterior) individualização e subjetivação.

Compreende-se, diante disso, que o uso do discurso empreendedor em cenários marcados pela informalidade, instabilidade e ausência de proteção social descaracteriza a essência do empreendedorismo, que pressupõe liberdade de iniciativa, possibilidade real de crescimento e ascensão econômica. Nessas circunstâncias, o que se observa, muitas vezes, é a adoção de um empreendedorismo que não corresponde à sua essência natural, dado que funciona como estratégia de sobrevivência diante da retração do mercado formal e do enfraquecimento das políticas públicas de amparo ao trabalhador. Trata-se, portanto, de um fenômeno que, embora revestido do discurso da autonomia e da liberdade, revela-se, na prática, uma forma disfarçada de subordinação e vulnerabilidade.

Destarte, a subjetividade neoliberal, ao remodelar a forma como o indivíduo se percebe no mundo do trabalho, também opera por meio da internalização de valores como “ser patrão de si mesmo” e “quem quer, trabalha”. Essas concepções aparecem de forma recorrente na obra audiovisual estudada, evidenciando a assimilação dessa lógica pelos próprios sujeitos retratados. Como afirma Léo³⁴: “a melhor profissão do mundo é não trabalhar pra ninguém, trabalhe só!”. E, em outro momento, uma trabalhadora, cujo nome não

³³ SILVA, Luis Antônio Machado da. Da informalidade à empregabilidade: reorganizando a dominação no mundo do trabalho. Caderno CRH, Salvador, n. 37, jul./dez., p. 101, 2002.

³⁴ GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min. [16min52s].



foi revelado, reforça³⁵: “eu acho que hoje o melhor é trabalhar pra você mesmo. A vida da gente não é ruim, não. Quem pensar que a vida da gente é ruim tá enganado, porque não é todo mundo que tem o privilégio de ter saúde, trabalhar, ter seu dinheiro [...]”. Constata-se, dessa forma, que “a psicopolítica neoliberal é uma política inteligente que busca agradar em vez de oprimir”.³⁶

Nesse contexto, Souza³⁷ defende que:

A precarização das condições de trabalho se torna mais palatável em ambientes de desemprego estrutural, pois a ampliação do exército de reserva aumenta, também, o poder de barganha do empregador. “É melhor trabalhar com menos direitos do que não trabalhar”. **Entretanto, a ampliação dessas condições precárias não vem acompanhada apenas pela necessidade de subsistência, mas também pela constituição de subjetividades que se adequem a essas novas expectativas laborais. Em outras palavras, a cristalização de novas relações de trabalho necessita não apenas de normas jurídicas que lhes garantam legitimidade e legalidade, mas também de um cimento ideológico que possa amoldar as novas formas de trabalho ao horizonte de vida dos indivíduos.**

À vista disso, entende-se que a precarização do trabalho se torna mais deletável em contextos de desemprego estrutural. Isso ocorre porque, conforme abordado por Souza, nesse cenário, os trabalhadores dispõem de menos alternativas concretas de inserção ou recolocação no mercado, o que fortalece o poder de barganha do empregador, permitindo-o que exerça uma “pressão para baixo” sobre salários e condições de trabalho. Afinal, como apontado no trecho anterior, “é melhor trabalhar com menos direitos do que não trabalhar”.

Nesse ínterim, descreve Karl Marx³⁸:

Mas se uma população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista. **Ela constitui um exército industrial de**

³⁵ GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min. [21min01s].

³⁶ HAN, B.C. Psicopolítica. Belo Horizonte; Veneza: Âyiné, p. 53, 2018.

³⁷ SOUZA, Matheus Silveira de. Subjetividade neoliberal e precarização do trabalho. A Terra é Redonda, 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/subjetividade-neoliberal-e-precarizacao-do-trabalho/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

³⁸ MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro I. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, p. 707, 2020, grifos nossos.

reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se ele o tivesse criado por sua própria conta.

Tal pertencimento é tão absoluto que, conforme se verifica no documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, o espaço de trabalho dos confeccionadores de jeans, não raro, se confunde com o próprio ambiente doméstico. As facções, pequenos núcleos produtivos, são instaladas em garagens, quintais ou cômodos das casas, evidenciando que a exploração do trabalho ultrapassa os limites tradicionais da fábrica e se infiltra na intimidade da vida cotidiana. Trata-se, portanto, da expressão mais crua da lógica capitalista descrita por Marx, em que o exército de reserva é apropriado de tal forma que até a casa se torna uma unidade de produção subordinada ao capital, situação que nega ao trabalhador até mesmo o direito ao repouso.

Isso porque, se o trabalho é valorizado por peça, o descanso não é remunerado; logo, a pausa deixa de ser vantajosa para quem tem na produção sua única fonte de renda. Essa dinâmica resulta em extensas jornadas de trabalho, na intensificação do ritmo produtivo e, sobretudo, na autoexploração.

Isso posto, constata-se que a cidade de Toritama, marcada pela intensa produção de jeans, encarna de forma paradigmática a falaciosa noção neoliberal de autonomia individual. Propaga-se um modelo produtivo que transfere os riscos e os custos da exploração para o próprio trabalhador, enquanto compromete profundamente sua qualidade de vida. Essa lógica, embora travestida de liberdade e autogerenciamento, oculta um processo sistemático de precarização das relações laborais, agravado pela ineficiência do Estado em assegurar direitos mínimos aos trabalhadores do agreste pernambucano, que servem à lógica de acumulação dos grandes centros comerciais.

Como se sabe, a dignidade da pessoa humana está prevista no art. 1º, III da Constituição Federal de 1988 e constitui princípio, fundamento e objetivo do Estado brasileiro. É o valor supremo sobre o qual se edifica a sociedade brasileira. Desse modo, diante do entendimento de que os direitos sociais, como o trabalhista, por exemplo, integram o rol de direitos fundamentais, constata-se que a violação compromete a própria ideia de dignidade da pessoa humana.

Sobre esse tema, Gabriela Delgado³⁹ defende que, no desempenho das relações trabalhistas, deve ser vedada a violação da dignidade, o que significa que o ser humano jamais poderá ser utilizado como objeto ou meio para a realização do querer alheio. Assevera, ainda, que “o trabalho, enquanto direito universal fundamental, deve fundamentar-se no referencial axiológico da dignidade da pessoa humana”.

³⁹ DELGADO, Gabriela Neves. Direito fundamental ao trabalho digno. São Paulo: LTR, p. 214-215, 2006.



Confirma-se, assim, que a existência digna está intimamente ligada à valorização do trabalho, não havendo que se falar em realização plena da dignidade da pessoa humana se o trabalho não for adequadamente apreciado.

De acordo com Miraglia⁴⁰:

[...] Em outras palavras, a marchandage configura “comércio de trabalhadores”. Isso significa que o intermediário coloca à disposição do tomador os serviços de terceiro, auferindo seu lucro, tão-somente, da exploração da mão-de-obra deste, o que caracteriza fraude ao direito material do Trabalho incidindo a aplicação do art. 9º da CLT.

Pode-se inferir, então, que a mera interposição de mão-de-obra, em princípio, é vedada pelo ordenamento jurídico pátrio, devendo ser combatida, pois é incompatível com o princípio da dignidade da pessoa humana. Nesse sentido, essa circunstância, assim como todas as demais que reduzem o homem trabalhador a mero objeto, afora as restritas exceções legais que permitem a intermediação da mão de obra, caracteriza o labor em condições indignas.

É o que se verifica em “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, ao evidenciar que os trabalhadores são reduzidos a meros instrumentos de produção, isto é, uma “mercadoria” a ser comercializada, estando subordinados à lógica das grandes marcas que terceirizam a produção para cortar custos e aumentar lucros. Embora juridicamente sejam considerados “autônomos”, na prática, são dependentes economicamente de quem encomenda as peças, recebendo por produção e submetidos a jornadas exaustivas e à instabilidade, sem qualquer proteção legal.

Verifica-se, portanto, que o trabalho de confecção de jeans em Toritama se configura como precarizado e indigno, em flagrante violação a princípios fundamentais do Direito, como a dignidade da pessoa humana e a valorização do trabalho. Ademais, embora não constitua o foco central da presente pesquisa, é pertinente assinalar que a dinâmica laboral retratada no documentário afronta diversos outros direitos sociais, como o direito ao lazer, ao descanso remunerado, à saúde e, inclusive, à moradia digna.

Para Marcelo Gomes⁴¹, diretor e narrador do documentário, “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” aponta não para o passado, mas para o que o futuro pode se tornar. É fruto do projeto

⁴⁰ MIRAGLIA, Livia Mendes Moreira. O direito do trabalho e a dignidade da pessoa humana: pela necessidade de afirmação do trabalho digno como direito fundamental. Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI, Fortaleza, CE, 9–12 jun. 2010, p. 4. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3828.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2025, grifos nossos.

⁴¹ GOMES, M. Pensando o Brasil em Filmes | 2ª Edição | Especial "Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar". Vitória da Conquista: Janela Indiscreta, 2020. (60 min.), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/nfyw4IU0t8>. Acesso em: 17 jun. 2025.



neoliberalista. Se o Brasil não refletir acerca do futuro de país que todos querem, poderá se transformar em uma grande Toritama.

Dessa forma, observa-se que o referido documentário expõe, de maneira contundente, como o neoliberalismo opera na prática: incentivando a informalidade, naturalizando jornadas exaustivas e revestindo a precarização com um discurso de liberdade e autonomia. Em Toritama, a promessa de que cada indivíduo pode ser dono de si mesmo encobre a realidade de um sistema que exige produtividade constante, suprime direitos básicos e transforma o trabalho em um fim em si mesmo. O que se vê não é liberdade, mas a reprodução de um modelo em que a sobrevivência depende da autossubmissão ao ritmo impiedoso do mercado.

Entende-se, portanto, que a subjetividade neoliberal faz com que esses trabalhadores internalizem a responsabilidade por sua própria sobrevivência, por meio de um falso “empreendedorismo”, naturalizando a ausência do Estado e a precarização como escolhas pessoais, e não como imposições estruturais. Assim, compreende-se que, embora a informalidade se apresente, muitas vezes, como alternativa diante da ausência de garantias básicas e da negação de direitos fundamentais, tal configuração não corresponde a uma forma autônoma ou desvinculada das estruturas tradicionais de produção.

Por tais razões, considera-se imprescindível, para ao menos mitigar os efeitos da precarização, repensar as políticas públicas de regulação do trabalho, à luz dos princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana e da valorização do trabalho, para que o Estado fortaleça o seu papel como garantidor de direitos sociais, formulando políticas que reconheçam a centralidade do trabalho digno e, sobretudo, para que a informalidade e a exploração do trabalho não sejam naturalizadas, mas enfrentadas como questões estruturais que demandam respostas coletivas e institucionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a abordagem ao longo da presente monografia, é possível afirmar que:

1. O fenômeno da informalidade não surge de maneira isolada, mas como consequência direta de um contexto socioeconômico de vulnerabilidade e exclusão. Assim, atua como uma resposta à ausência de garantias básicas e, sobretudo, como forma de sobrevivência diante da negação de direitos fundamentais.

2. O documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” se passa no agreste pernambucano, mais especificamente na cidade Toritama, retratando a vida dos trabalhadores do segundo maior polo de confecção de jeans do Brasil e expõe uma perspectiva sociocultural do trabalho autônomo.

3. Verifica-se que, embora os trabalhadores estejam submetidos a uma realidade de trabalho precarizado, ainda se percebem como autônomos e donos do próprio tempo, em virtude de alienação que mascara as contradições da informalidade, dado que essa “liberdade” está diretamente condicionada à lógica da produtividade extrema, da remuneração por fragmento de peça e a realidade em que não há espaço para descanso.

4. Assim, considerando que o trabalho autônomo sempre foi utilizado como instrumento de manipulação da grande massa e fortalecendo os detentores dos grandes meios de produção, compreende-se que os modelos de trabalho reinventam-se, mas as relações de exploração permanecem.

5. O neoliberalismo atua como um projeto de reestruturação do capitalismo que busca reafirmar o poder das elites econômicas, ao promover o enxugamento do Estado e a expansão dos mercados livres. Manifesta-se, portanto, como um Estado mínimo em políticas de assistência social, em intervenção de mercado e no aparato produtivo, sendo forte nas políticas repressivas, complementadas, ainda, pela política de dispersão da classe operária.

6. O modelo neoliberal transveste-se de uma proposta inovadora para os trabalhadores, escondendo os seus reais efeitos, que geralmente se traduzem na precarização das relações de trabalho, na diminuição das garantias sociais e no aumento da desigualdade de renda, conforme ilustrado no documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”. Nesse contexto, o trabalhador passa a ser tratado como mero recurso produtivo, submetido a condições mais instáveis e com menos proteção.

7. A adesão ao discurso neoliberal está evidente nos relatos de diversos trabalhadores das facções de Toritama, uma vez que vivem sob uma realidade de precarização do trabalho, reféns de si mesmos, bem como do sistema, como meros recursos produtivos.

8. Constata-se que o neoliberalismo não é apenas uma teoria econômica, mas um mecanismo que, além de reformar o capitalismo internamente, reconfigura as subjetividades, visto que, para esse discurso ganhar força, é imprescindível que o indivíduo se veja como um ser ativo, um empreendedor, e não apenas um sujeito. Para tanto, o neoliberalismo atua de forma a fragilizar as condições de trabalho e, conseqüentemente, os direitos trabalhistas arduamente conquistados, para que o empreendedorismo seja visto de maneira mais atraente que o vínculo empregatício ou, não raro, como a única saída.

9. A precarização do trabalho está intimamente ligada ao desemprego estrutural. Nesse contexto, os trabalhadores dispõem de menos alternativas concretas de inserção ou recolocação no mercado, o que fortalece o poder de barganha do empregador, permitindo-o que ofereça salários e condições de trabalho indignas.

10. O princípio da dignidade da pessoa humana deve ser observado no desempenho das relações trabalhistas, logo, na obra audiovisual ora analisada, resta evidenciado que os trabalhadores são reduzidos a meros instrumentos de produção. Embora juridicamente sejam considerados "autônomos", na prática, são dependentes economicamente de quem encomenda as peças, recebendo por produção, bem como sendo submetidos a jornadas exaustivas e à instabilidade, sem qualquer proteção legal.

11. Isso se comprova com a chegada do carnaval, dado que, mesmo com jornadas exaustivas de trabalho, não auferem renda suficiente para custear o próprio lazer e momento de descanso que, conforme retirado do documentário, só acontece duas vezes ao ano – sendo o carnaval um desses momentos.

12. A obra de Marcelo Gomes expõe como o neoliberalismo opera na prática, visto que, embora os trabalhadores sintam orgulho pelo trabalho e por “não trabalhar para ninguém”, resta demonstrada a informalidade e a naturalização das jornadas exaustivas, o que reveste a precarização com um discurso de liberdade e autonomia.

13. À vista disso, infere-se que a promessa de que cada indivíduo pode ser dono de si mesmo encobre a realidade de um sistema que exige produtividade constante, suprime direitos básicos e transforma o trabalho em um fim em si mesmo.

14. Repensar as políticas públicas voltadas à regulação do trabalho torna-se imperativo para que o Estado assumira uma postura mais efetiva na garantia dos direitos sociais, reconhecendo o trabalho digno como pilar da cidadania e enfrentando a informalidade e a exploração como questões estruturais que demandam respostas coletivas e institucionais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANIC, Luara Calvi. **Meu nome é trabalho**: Em novo documentário, Marcelo Gomes apresenta Toritama, um município pernambucano em que as pessoas só param de trabalhar no Carnaval. Revista Trip, São Paulo, 11 jul. 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-diretor-marcelo-gomes-fala-sobre-o-documentario-estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar>. Acesso em: 17 jul. 2025.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, p. 209, 1999.

COSTA, Márcia da Silva. **Trabalho informal**: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 58, p. 175, 2010.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, p. 8, 2016.

DELGADO, Gabriela Neves. **Direito fundamental ao trabalho digno**. São Paulo: LTR, p. 214-215, 2006.

GOMES, Marcelo. **Estou me guardando para quando o carnaval chegar** [vídeo]. Brasil: Carnaval Filmes, 2019. 86 min.

GOMES, Marcelo. Pensando o Brasil em Filmes | 2ª Edição | Especial "Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar". Vitória da Conquista: Janela Indiscreta, 2020. (60 min.), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/nfyw4IUb0t8>. Acesso em: 17 jun. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Belo Horizonte; Veneza: Âyiné, p. 10, 2018.

KREIN, José Dari; CARDOSO, José Celso; BIAVASCHI, Magda Barros; TEIXEIRA, Mailson Lopes. **Regulação do trabalho e instituições públicas**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 175, 2013.
MALAGUTI, Manoel Luiz. **Crítica à razão informal – A imaterialidade do salariado**. São Paulo: Boitempo, p. 62-63, 2001.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, p. 263, 1983.

MATSUO, Myrian. **Trabalho informal e desemprego: Desigualdades sociais** (Tese de doutorado). São Paulo: USP, p. 26, 2009. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/.../MYRIAN_MATSUO.pdf.

MIRAGLIA, Lívia Mendes Moreira. **O direito do trabalho e a dignidade da pessoa humana: pela necessidade de afirmação do trabalho digno como direito fundamental**. Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI, Fortaleza, CE, 9–12 jun. 2010. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3828.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2025.

NOGUEIRA, Mauro Oddo; CARVALHO, Sandro Sacchet de. **Trabalho precário e informalidade**: desprezando suas relações conceituais e esquemas analíticos. Texto para Discussão, n. 2707. Brasília (RJ): Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), p. 14, 2017. ISSN 1415-4765. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10948/1/td_2707.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025.

NUNES, A. J. Avelãs. **O Keynesianismo e a contra-revolução monetarista.** Boletim de Ciências Económicas, Coimbra: Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, v. XXXVIII, p. 81-82, 1995.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Recomendação n.º 204:** Recomendação sobre a transição da economia informal para a economia formal. Genebra: OIT, 2015.

R., Cris; C., Júlio. **Resenha:** Estou me guardando para quando o carnaval chegar: faz parte dessa solidão. São Paulo: Sindsef-SP, 07 dez. 2019. Disponível em: <https://www.sindsef-sp.org.br/resenha-estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar-faz-parte-dessa-solidao/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SEBRAE Pernambuco. **Relatório Toritama:** diagnóstico e ações para o desenvolvimento local. Recife: Sebrae/PE, 2024. 58 p.

SERELLE, Márcio. **Narrativa sobre um poder afável:** trabalho e racionalidade neoliberal em Estou me guardando para quando o Carnaval chegar. Revista Rumores, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 270, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rumores/article/view/176227>.

SILVA, Luis Antônio Machado da. **Da informalidade à empregabilidade:** reorganizando a dominação no mundo do trabalho. Caderno CRH, Salvador, n. 37, jul./dez., p. 101, 2002. Terra

SOUZA, Matheus Silveira de. **Subjetividade neoliberal e precarização do trabalho.** A é Redonda, 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/subjetividade-neoliberal-e-precarizacao-do-trabalho/>. Acesso em: 28 jul. 2025

VIANA, Nildo. **Breve histórico do neoliberalismo.** Revista Enfrentamento, Goiânia, n. 5, p. 8, 2008.

Artigo recebido: 01.07.2025

Artigo publicado em: 30.12.2025